

AETNA  
*Etna*



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TÉRESA DIB ZAMBON ATVARS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

AETNA  
*Etna*

MATHEUS TREVIZAM  
Traduções, estudo introdutório,  
notas e índice onomástico

*Edição bilingue*

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

---

Ae09 Aetna / Etna / traduções, estudo introdutório, notas e índice onomástico: Matheus Trevizam. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

1. Literatura latina. 2. Poesia latina. 3. Mito. 4. Ciência.  
5. Vulcões. I. Trevizam, Matheus. II. Título.

CDD – 870  
– 87101  
– 29113  
– 500  
– 55121

ISBN 978-65-86253-43-6

---

Título original: *Aetna*

Copyright © Matheus Trevizam  
Copyright © 2020 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728  
[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) – [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)

Para meu pai, minha mãe (*in memoriam*),  
minha irmã e Francesco.



## AGRADECIMENTOS

*Gratias magnas ago*, pela generosidade e pela convivência, aos colegas e amigos da área de Latim do Departamento de Linguística do IEL-Unicamp, professores Isabella Tardin Cardoso, Marcos Aurélio Pereira, Patricia Prata e especialmente ao professor Paulo Sérgio de Vasconcellos, solícito supervisor da pesquisa de estágio pós-doutoral (agosto de 2019 a julho de 2020), da qual resultou este livro. Agradeço também à Editora da Unicamp, pela acolhida; a meus colegas, amigos e alunos da Faculdade de Letras da UFMG (Belo Horizonte/MG) e a essa instituição, pelo oferecimento de condições de trabalho propícias à pesquisa; à professora Erika Andrea Hansen Gonçalves, pelo indispensável auxílio com a leitura dos artigos em língua alemã e pelas sugestões para os trechos traduzidos desse idioma.





*Implendus sibi quisque bonis est artibus; illae  
sunt animi fruges, haec rerum maxima merces:  
scire quod occulto terrae natura cohercet;  
nullum fallere opus; [...].  
Aetna, 272-274*

Cada qual deve imbuir-se de nobres saberes; eles são  
as searas da mente, isto é a maior paga de todas:  
saber o que a Natureza esconde no fundo da terra;  
por fenômeno algum ser enganado; [...].  
*Etna, 272-274*



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ( <i>Paulo Sérgio de Vasconcellos</i> ) .....	13
O POEMA <i>AETNA</i> EM CONTEXTUALIZAÇÃO: ESTUDO INTRODUTÓRIO E NOTA .....	17
1 Introdução: a <i>Appendix Vergiliana</i> e questões de data/autoria ...	17
1.1 Dados sucintos sobre a <i>Appendix Vergiliana</i> .....	17
1.2 Questões de datação e autoria em torno de <i>Aetna</i> .....	26
2 Conteúdo e conformação literária do poema <i>Aetna</i> .....	41
2.1 Conteúdo .....	41
2.2 Os principais teóricos antigos e sua posição sobre os autores didáticos .....	42
2.3 O posicionamento (moderno) de Peter Toohey .....	47
2.4 O posicionamento (moderno) de Katharina Volk .....	51
3 O poema <i>Aetna</i> e a tradição da poesia didática romana .....	59
3.1 Panorama do didatismo em Roma .....	59
3.2 O próêmio de <i>Aetna</i> , a “rejeição” da mitologia e o espírito racional e combativo do <i>De rerum natura</i> lucreciano .....	64
3.3 Procedimentos construtivos de <i>Aetna</i> e a estruturação proemial e final das <i>Geórgicas</i> virgilianas .....	72

4 Fontes letradas do poema <i>Aetna</i> .....	83
5 Nota sobre a tradução .....	90
<i>AETNA</i> .....	92
<i>ETNA</i> .....	93

TRADUÇÕES DE LUCRÉCIO, VIRGÍLIO, MANÍLIO E OVÍDIO  
(TRECHOS SOBRE O MONTE ETNA)

<i>LVCRETI DE RERVM NATVRA VI, 639-711</i> .....	156
LUCRÉCIO, <i>DA NATUREZA VI, 639-711</i> .....	157
<i>VERGILI GEORGICON I, 466-473</i> .....	162
VIRGÍLIO, <i>GEÓRGICAS I, 466-473</i> .....	163
<i>VERGILI AENEIS III, 570-587</i> .....	164
VIRGÍLIO, <i>ENEIDA III, 570-587</i> .....	165
<i>MANILI ASTRONOMICA I, 852-858; II, 889-895</i> .....	166
MANÍLIO, <i>ASTRONÔMICAS I, 852-858; II, 889-895</i> .....	167
<i>OVIDI METAMORPHOSEON XV, 340-355</i> .....	168
OVÍDIO, <i>METAMORFOSES XV, 340-355</i> .....	169
ÍNDICE ONOMÁSTICO LATINO DO POEMA <i>AETNA</i> .....	171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	175

# APRESENTAÇÃO

*Paulo Sérgio de Vasconcellos*

Ninguém hoje pensaria em escrever em forma poética um tratado de divulgação científica; imaginemos, por exemplo, um livro de física subatômica todo composto em versos. Essa seria uma espécie de híbrido que provavelmente causaria espanto comparável ao da reação diante de uma incongruente representação pictórica da figura humana em que uma bela mulher teria, na sua parte inferior, a forma de “negro peixe”, conforme fantasia o poeta Horácio no início de sua *Arte poética*, mirando a falta de propriedade de uma obra de arte. Entretanto, como historia Matheus Trevizam em seu instrutivo panorama sobre o gênero, esse era um tipo de Literatura da poesia didática que se praticava não raramente na Antiguidade; mais: teve como cultores poetas do calibre de um Lucrécio e de um Virgílio. E é curioso notar como esses dois luminares da poesia antiga mencionam a dificuldade dessa tarefa desafiante, em que o poeta, diríamos, é uma espécie de alquimista que tem de transformar matéria aparentemente antipoética em grande poesia.

Ao gênero da poesia didática pertence o poemeto *Aetna* “Etna”, que se vai ler aqui na tradução de Matheus Trevizam. É um dos textos mais desafiadores da Literatura latina, pela dificuldade do original; o tema complexo, a vulcanologia, certamente favoreceu que copistas falhassem na transmissão do texto, tornando-o ainda mais difícil do que já era. Aqui e ali o filólogo topa com um *locus*

*desperatus*, o termo técnico para nomear uma passagem que se supõe corrompida, mas impossível de corrigir com relativa segurança.

Por que ler o difícil *Aetna* para além do interesse meramente filológico? Porque há nesse poemeto (menos de 700 versos) muita coisa interessante. Citemos algumas impressões de leitura. Como o epicurista Lucrécio, seu autor, desconhecido, demonstra tocante confiança na explicação racional dos fenômenos da Natureza e um maravilhamento diante da máquina do mundo (ao qual busca conduzir o leitor). É significativo ver como o Anônimo se coloca polemicamente contra as explicações mitológicas do fenômeno das erupções do vulcão, rejeitando o mito como esclarecimento possível – essa separação radical entre conhecimento e religião é um tema que hoje volta à baila num mundo em que se adensam, em certos meios, anti-intelectualismo e desconfiança em relação à ciência. Como os epicuristas, quando não consegue discernir a causa de um fenômeno entre várias possíveis, o poeta enumera todas estas últimas sem pudor: reconhece as limitações de seu conhecimento, mas ainda crê que entre as várias causas racionais reside a verdadeira, e é isso que importa.

Mas o autor do tratado é um poeta, de modo que é curioso constatar como, ao refutar a possibilidade de explicações míticas sobre o vulcão, produz vários versos repletos de adornos poéticos sobre esses mesmos mitos, como se aqui a voz da poesia reivindicasse seu domínio sobre o poeta e sobre sua explicação puramente racional e técnica de *magister*, de mestre que enuncia ensinamentos técnicos desvinculados do mito. Se a explicação racional do mundo tem seu encanto sublime, pondo a nu uma parte do complexo espetáculo da Natureza, a poesia não pode renunciar totalmente à sedução que lhe é própria e que ela pode encontrar nos mitos. Nesse sentido, é significativa a solene invocação do deus Apolo logo após a breve proposição do poema; ela tem marcas da linguagem dos hinos religiosos e destaca a novidade da empreitada poética que se inicia. Enfim, o Anônimo aqui evidencia para nós a importância fulcral do ato de poesia, não sendo a forma poética, concluímos, mero instrumento de transmissão de conteúdos. Se rejeita a “falácia dos vates” (*fallacia uatum*, v. 29) que expuseram explicações mitológicas

dos fenômenos naturais, o poeta não deixa de incorporar em seu poema as belas descrições do mito porque ele também é um vate guiado por Apolo: nesse paradoxo reside uma tensão entre poesia e conhecimento racional que caracteriza poemas do gênero da poesia didática como o *Aetna* e o “Da natureza das coisas” (*De rerum natura*) de Lucrécio, um tratado, basicamente, de física epicurista que renega a atuação dos deuses no mundo, mas que se inicia por um hino a Vênus.

O *Aetna* termina com a história dos piedosos irmãos de Catânia, que salvaram os pais de uma erupção catastrófica do Etna; enquanto outros procuravam salvar bens materiais que lhes eram caros, os dois irmãos se preocuparam em livrar da morte as suas “únicas riquezas, a mãe e o pai” (*diuitiae solae, materque paterque*, v. 630). Só por este pequeno e tocante episódio o poema já mereceria ser lido. Notemos, entretanto, como o poeta trabalha o ritmo dos versos na passagem em que descreve a reação das pessoas que fugiam:

*defectum raptis illum sua crimina tardant;*  
*hic uelox minimo properat sub pondere pauper* (vv. 616-617)

Na tradução de Trevizam:

seus crimes retardam outro, esfalfado pelos saques;  
este, um pobre, se apressa rápido sob peso mínimo,

No primeiro temos uma vistosa sequência de espondeus na primeira metade do verso (*dēfēctūm rāptās īllum sua crimina tardant*), um ritmo que seria sentido pelos leitores da Antiguidade como mais vagaroso; o segundo começa com um espondeu e passa aos ágeis dátilos (*hic uēlōx mīnīmō prōpērat sub pondere pauper*); há, pois, na passagem de um verso ao outro, aceleração do ritmo. Notemos como, em sua tradução do segundo verso, Trevizam emprega de forma expressiva dois proparoxítonos (“este, um pobre, se apressa rápido sob peso mínimo”; cf. *mīnīmō prōpērat*, dois proparoxítonos em sequência).

Trata-se de um poeta que domina seus meios expressivos e o conteúdo por vezes árido não deve nos fazer esquecer disso. Acreditamos, de resto, que análises formais cerradas do *Aetna* evidenciariam o labor poético do Anônimo, que, de cabo a rabo, ainda que rejeitando as “falácias dos vates”, permanece vate e, certamente, por suas qualidades poéticas, mais do que por seu saber técnico, hoje uma espécie de curiosidade na história das ciências, poderá continuar angariando e cativando novos leitores.

Ao professor Matheus Trevizam, nosso maior especialista em Literatura técnica e didática nas Letras latinas, devemos a façanha laboriosa de colocar à disposição dos leitores de língua portuguesa (algo inédito, ao que saibamos) esse difícil e ignorado poema em tradução filologicamente sólida e exarada na excelente escrita que o caracteriza.



# O POEMA *AETNA* EM CONTEXTUALIZAÇÃO: ESTUDO INTRODUTÓRIO E NOTA

## 1 Introdução: a *Appendix Vergiliana* e questões de data/ autoria

### 1.1 Dados sucintos sobre a *Appendix Vergiliana*

Qualquer estudo a respeito do pequeno poema didático identificado com o assunto de nossas indagações, ou seja, o próprio *Aetna* “Etna”, não pode prescindir de comentários relativos ao “contexto” de sua transmissão no Ocidente. Desse modo, evocar a *Appendix Vergiliana* significa remeter-nos àquele conjunto de textos, desde a Antiguidade, associados à lavra de Virgílio, quer (1) pelas notícias dos gramáticos ou dos autores antigos; quer (2) pelo testemunho dos manuscritos medievais, como o conhecido “catálogo de Murbach”;<sup>1</sup> quer (3) pelas edições, já modernas e referentes ao suposto “legado” do poeta de Mântua, tendo especial destaque nesse quesito, por seu ineditismo, a publicação da *Appendix* realizada em 1572 (1573?) pelo humanista francês Júlio Escalígero (1540-1609), na cidade pátria de Lião.

Antes de perpassarmos essas vias de transmissão da *Appendix*, importa dizer que têm sido associadas ao conjunto textual em pauta – com possibilidade de variações, de acordo com o testemunho –

---

<sup>1</sup> Polastri, 2013, p. 9.

obras como *Dirae*, *Culex*, *Aetna*, *Copa*, *Maecenas* (ou *Elegiae in Maecenatem*), *Ciris*, *Priapea et Catalepton*, “*Quid hoc noui est?*”, *Moretum*, *De institutione uiri boni*, *De est et non*, *De rosis nascentibus*.<sup>2</sup> Dessas, *Dirael* “As Fúrias” contêm 183 hexâmetros datílicos, cujo objetivo é realizar um ataque contra alguém responsável por privar o poeta de seus campos<sup>3</sup> e, em uma “segunda parte”, de amar uma mulher chamada *Lydial* “Lídia”.

Em *Culex* “O mosquito”, conta-nos jocosamente o poeta, em 414 hexâmetros, a história de um pastor, certo dia, salvo da morte ao ser desperto do sono pela picada de um mosquito, enquanto dormia despreocupado nos campos e uma víbora o espreitava. Como o pastor, sendo “ingrato”, matou o mosquito naquele momento, seu espírito depois lhe aparece em sonho e pede a honra de um túmulo, a fim de não continuar vagando no além. *Aetnal* “Etna” corresponde, como adiante descreveremos com mais cuidado, a um poema didático, também hexamétrico e de assunto “científico”, pois, nesta composição, as preocupações do autor estão voltadas para a explicação do funcionamento eruptivo do monte Etna.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Iodice, 2002, p. X.

<sup>3</sup> Essa situação descrita nas *Dirae* evoca, evidentemente, a primeira bucólica de Virgílio, em que a personagem de Melibeu se queixa a Títilo por ter de partir de terras confiscadas (pelos triúnviros). Segundo interpretação de Paul Veyne (2001, pp. 244-245), Títilo seria escravo em sua origem – depois, um liberto de Otaviano Augusto –, mas recebera do ex-dono a alforria e terras de cultivo, enquanto a mesma sorte não coube, por motivos políticos, ao cidadão-camponês de nome Melibeu. Ocorre que, por volta do ano 40 a.C., os confiscos dos triúnviros, sobretudo para compensar os veteranos da batalha de Filipos (42 a.C.), estenderam-se sobre o território de Mântua devido à grande demanda, extrapolando o lote original da vizinha Cremona. Então, Melibeu talvez represente um desafortunado mantuano – como Virgílio –, tristemente desapossado de suas terras com muitos outros.

<sup>4</sup> *Aetna* 24-28: *Fortius ignotas molimur pectore curas: / qui tanto motus operi, quae causa perennis / explicet in densum flammis et truat ab imo / ingenti sonitu moles et proxima quaeque / ignibus irriguis urat, mens carminis haec est.* – “Com mais coragem, nossa mente arrosta ignota obra. / Qual o movimento de tamanho

Em *Copal* “A estalajadeira”, que conta apenas com 38 versos e foi composta por meio de dísticos elegíacos, encontramos o “convite de uma taberneira, *copa Syrisca*, a desfrutar dos prazeres de seu albergue, a usufruir da música, das flores, do vinho e dos frutos que ali abundam”.<sup>5</sup> *Elegiae in Maecenatem* “Elegias a Mecenas” compreende 178 hexâmetros transmitidos como se fossem uma única composição, mas, na verdade, passíveis de serem segmentados, como atesta sua bipartição, seguindo critérios temáticos, pelo supracitado Júlio Escalígero.<sup>6</sup> De acordo com tal divisão, a primeira parte compreenderia um elogio a Caio Cílnio Mecenas (70-9 a.C.), célebre “ministro” do imperador Otaviano Augusto; a segunda, um “elogio de Augusto”, em forma de despedida do moribundo<sup>7</sup> (Mecenas ancião).

*Ciris* “A garça” é um *epýllion* “pequena épica” a respeito da metamorfose de Cila, filha de Niso – rei lendário de Mégara –, na ave que nomeia o poema, sendo obra composta em 541 hexâmetros.<sup>8</sup> O motivo dessa transformação foi a princesa ter traído Niso por amor a Minos, rei de Creta e inimigo dele, cortando uma mecha do cabelo paterno (de que lhe vinha a força) e entregando-a ao estrangeiro. Depois de rejeitada por Minos e atada a seu navio para morrer, recebeu por comiseração divina nova chance de vida,

---

vulcão, que causa sempre/ desenvolve as chamas em corpos sólidos, expulsa do fundo/ grandes massas, com ingente ruído, e queima com torrentes/ de fogo tudo o que está próximo: esse é o intento de meu poema”.

<sup>5</sup> Del Baño, 2007, p. 456: *invitación de una tabernera, copa Syrisca, a disfrutar de los placeres de su albergue, a gozar de la música, las flores, el vino y los frutos que allí abundan.*

<sup>6</sup> *Idem*, p. 459.

<sup>7</sup> *Idem*, p. 456: *un “elogio de Augusto” en forma de despedida del moribundo.*

<sup>8</sup> Há uma breve referência a essa mesma personagem nas *Geórgicas* virgilianas (I, 399-406), bem como nos *Amores* (III, 12, 21-22), na *Ars amatorial* “Arte de amar” (I, 331-332), em *Remedia amoris* “Remédios do amor” (67-68) e nas *Metamorfoses* (VIII, 1-151) de Ovídio. Trata-se de uma espécie de símbolo recorrente da paixão desenfreada, com os males daí decorrentes.

contudo como ave marinha. *Priapea et Catalepton!* “Priapeia e As nugas”, por meio de dísticos elegíacos ou outras formas métricas (escazontes, trímetros e dímetros jâmbicos), inserem-nos no universo jocoso da poesia associável ao itifálico Priapo, com seus temas erótico-amorosos, invectivas, um lamento, em tom divertido, sobre a morte de certa personagem chamada “Otávio” etc.<sup>9</sup>

Enquanto *Quid hoc noui est?!* “Que há de novo?”, em apenas 45 trímetros jâmbicos, “narra uma desventura erótica conformemente às características do gênero”,<sup>10</sup> *Moretum!* “O moreto” assume contornos de uma ambientação bucólica, ou geórgica. Trata-se, aqui, de descrever o raiar do dia, o despertar de um camponês e o preparo, por ele, de uma espécie de torta rústica – ou “moreto” – com queijo e ervas,<sup>11</sup> consistindo a pequena obra em 122 hexâmetros datílicos.

No tocante às três obras restantes, podemos dizer que *De institutione uiri boni!* “Sobre a formação do homem honesto”, *De est et non!* “Sobre o ‘sim’ e o ‘não’”, *De rosis nascentibus!* “Sobre as rosas nascentes” se identificam com textos ausentes dos testemunhos mais antigos sobre a *Appendix*.<sup>12</sup> A temática de cada um desses textos varia bastante: no primeiro citado, tem-se uma espécie de descrição “das qualidades do homem honesto e sábio, segundo os ditames da Escola pitagórica”;<sup>13</sup> no segundo, a abordagem “da importância dos dois monossílabos ‘sim’ e ‘não’, que presidem

<sup>9</sup> Del Baño, 2007, p. 457.

<sup>10</sup> Iodice, 2002, p. XI: *narra una disavventura erotica secondo le caratteristiche del genere.*

<sup>11</sup> Lembramos que a segunda bucólica de Virgílio também comenta, em vv. 10-11, o preparo de itens alimentícios a serem consumidos pelos pastores: *Thestylis et rapido fessis messoribus aestu! alia serpyllumque herbas contundit olentis.* – “E Têstiles, para os colhedores cansados do calor impetuoso, / alho e serpão amassa, ervas cheirosas”.

<sup>12</sup> Del Baño, 2007, p. 461.

<sup>13</sup> Iodice, 2002, p. XI: *delle qualità dell'uomo onesto e saggio, secondo i dettami della scuola pitagorica.*